

# **MIGUEL TORGA**

ENSAIOS DE FILOSOFIA E LITERATURA

Coordenação de Maria Celeste Natário e Renato Epifânio

Edição conjunta de:

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto  
Via Panorâmica s/n  
4150-564 Porto

e

DG Edições  
Av. D. Pedro V, 15 - 5.º Esq.º  
2795-151 Linda-a-Velha

Composição e maquetagem: DG edições

Fotografia da capa: in “Portal da Literatura”

Impressão e acabamento: VASP DPS

ISBN: 978-989-54908-4-4

Depósito Legal: 475643/20

Primeira edição: Novembro de 2020

DOI: 10.21747/9789895490844/mig

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020.

## UMA SERRA PARA DOIS POETAS: TORGA E PASCOAES

Maria Celeste Natário

*Devo à paisagem as poucas alegrias que tive no mundo (...).  
Vivo a natureza integrado nela. De tal modo, que chego a sentir-me, em certas ocasiões, pedra, orvalho, flor ou nevoeiro.*

(Miguel Torga, in *Diário*).

*Ó Montanha num êxtase profundo!  
Ermos planaltos contemplando Deus!*

(Teixeira de Pascoaes, in *Marânus*)

A paisagem e a natureza não são, para Miguel Torga e Teixeira de Pascoaes, meros tópicos literários. Nos seus mais diversos aspectos e manifestações, constituem o corpo e o lugar do “espírito”. As matrizes em que o pensamento destes dois autores radica, ainda que de forma diversa, constituem, mais do que o ponto de partida, toda a substância de que a obra e o seu “espírito” se alimenta.

Porém, as razões que levaram Adolfo Rocha a ser médico e Miguel Torga a ser poeta, no caso de Teixeira de Pascoaes, Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos, talvez um promissor jurista, temos *apenas* “o poeta” – o que também pode explicar, a nosso ver, o facto de, apesar de terem partido ambos da “natureza”, esta se revista de contornos diferentes na obra de cada um.

O pseudónimo Miguel Torga decorreu da escolha que fizera do nome “Miguel”, como de “Torga”. Como sabemos, Miguel fora o primeiro nome de um dos autores que mais admirou: Miguel de Cervantes. Mas também de um outro Miguel não menos importante: Miguel de Unamuno. Curiosamente, autores cujo espaço geográfico teve amplo sentido na vida como na obra de Miguel Torga e que muito influenciaram a sua sensibilidade, o espaço ao qual se referiu como integrante da sua “pátria telúrica”. E porquê “Torga”? A urze, arbusto autóctone das montanhas de Trás-os-Montes, daquele mesmo Marão em que Eleonora se passeava... Torga aí não encontrou princesas, mas tão-só pessoas que, em tempos de escassez e pobreza, recorriam, como forma de sobrevivência, ao que a natureza oferecia.

No poeta amarantino, foi a partir do “Solar de Pascoaes” (a casa dos avós, para onde se mudara em criança) que o seu voo de poeta poisa o olhar na

natureza e paisagem, desse mesmo Marão que marca Torga, mas no autor d'*O Reino Cadaveroso* é sobretudo uma ligação à terra, à mãe-terra, aquela mesma em que uma essência selvagem faz despontar todo um clima cuja criação poética decorre igualmente de dor, de sangue, de sofrimento, da dificuldade, de uma luta diária pela sobrevivência.

Em Pascoaes, diversamente, a natureza não é hostil. É um meio para o poeta se elevar, para descobrir, para chegar a si próprio, em última instância, ao próprio Cosmos, à Origem. Ela é mediadora – para o sagrado, para o mistério, para a ausência. A própria “saudade”, em Pascoaes, emerge nessa mediação, nesse diálogo. Em Torga, também a natureza é sagrada, mas diversamente. Ela é igualmente *Origem*, mas nunca deixa de ser agreste, algo que não acontece em Pascoaes, onde a Natureza é mais “mãe”.

Em todo o caso, também em Torga há uma “saudade” – ainda que, dir-se-ia, mais existencial, como, no caso do poema “Regresso”, em que o objecto da saudade é, nostalgicamente, identificado com a infância, a “minha dura infância” (“Regresso às fragas de onde me roubaram./ Ah! Minha serra, minha dura infância!”) –, mas onde, não obstante, encontra acolhimento (“E eu deitei-me no colo dos penedos/ A contar aventuras e segredos/ Aos deuses do meu velho paraíso”).

Apesar das diferenças já apontadas, vemos aqui uma afinidade forte entre Torga e Pascoaes: a infância é, nos dois, símbolo de pureza, de uma espécie de amanhecer, de inocência, um estado pleno, de saudade. Em Torga, porém, é uma infância pobre, ainda que livre, e por isso, em última instância, feliz, onde a energia da força da terra se transforma em seiva, que alimenta toda a sua vida, e onde a envolveria da “redoma da saudade” sempre permaneceu intacta, levando-o a considerar “intemporal e mítica” não só a paisagem, não só a geografia, como o próprio chão em que o Marão ocupa e irradia toda a luz, a luz que lhe permite interpretar-se, chegando a escrever: “Estas paisagens estão de tal modo explicitadas dentro de mim que parecem escritas no meu entendimento. Quando cuido que estou a interpretá-las, estou a ler-me.” (Torga, *Diário X*, p. 94).

“Dos fragedos eternos do Marão”, como refere no poema, de 1949, que expressamente dedicou a Torga e que aqui reproduzimos, Pascoaes fala também de uma luz, que simultaneamente “acalenta o mundo arrefecido e alumia a nossa escuridão”. Essa luz, em Pascoaes, tem porém a nosso ver uma dimensão mais “metafísica” e não apenas “existencial”. E por isso também a

sua saudade nunca é apenas a “saudade da infância”, mas sobretudo de uma espécie de “virgindade original” de todo o Cosmos<sup>1</sup>.

\*

Na sequência de Heidegger, em particular depois de “Ser e Tempo”, em que a poesia é vista como “essência da linguagem” e esta como a “casa do ser”, a interpretação da obra poética – mas também, em grande medida, no caso de Torga, da obra em prosa – é a aproximação interpretativa que é possível apontar para defesa da ideia de uma filosofia da natureza. Porém, é-o igualmente de uma filosofia do cosmos, ou então de uma filosofia da paisagem, pela simples constatação de que é a paisagem que lança e envolve estes dois poetas num poetar pensante, em que o diálogo do escritor, do poeta, com o pensamento caminha numa articulação entre a razão e a imaginação, possibilitando um diálogo para uma leitura do mundo onde emerge uma linguagem poética da razão.

Aliás, seguindo ainda Heidegger, apesar das diferenças entre Poesia e Filosofia, o que as pode aproximar é decerto a dificuldade de estabelecer rígidas fronteiras entre Poesia e Pensamento.

Desde o pensamento grego e suas primeiras expressões, passando por Platão, Aristóteles e a sua poética, até à filosofia contemporânea – talvez, e sobretudo, a Nietzsche –, o que pensar dos poetas? E da poesia? Não foi a linguagem dos poetas – e lembrando, antes de mais, Heraclito, Anaximandro e sobretudo Parménides – que, preocupados em dizer a verdade, o princípio e a essência, apontaram o “caminho do ser”?

É a poesia uma força de pensar o princípio, o “começo”, o que “origina”. Rilke e Hölderlin entendiam a poesia como a “essência da linguagem”. Heidegger, como já referimos, irá depois falar da “casa do ser” – e, não por acaso, em diálogo com estes dois poetas, na sua busca pelo fundamento último...

Em busca do sentido originário do ser e depois de experimentar diversos modos, o “Ser e o Tempo”, a sua obra maior, não o vai conseguir “desdobrar” como fora seu propósito. E é na palavra dos poetas/ filósofos gregos que a presença do ser “mais se lhe dá”, se lhe “mostra”.

Mesmo que a componente poética do pensar não seja de todo clara, o que acontece é que onde comparece o carácter poético do pensar, o entendimento encontra mais clareza – e por isso Heidegger vai, conforme o exposto, apontar o poetar-pensante como o topos do ser. É esta topologia que diz o

---

<sup>1</sup> Como desenvolvemos no nosso livro: *Teixeira de Pascoaes: Saudade, Física e Metafísica*, Lisboa, Zéfiro/ IF-FLUP, 2010.

lugar da sua essência, o lugar em que o poeta procura ou quer ouvir o que não ouve, algo que nem é o vento ou a chuva mas que só no segredo e no silêncio pode revelar-se...

\*

Jorge Listopad, num muito interessante texto sobre Torga<sup>2</sup>, escreve, a propósito do dizer poético, o seguinte: “O homem da montanha aproveita a pedra, lavra a madeira e, quando grava o verso, escreve em ambas, na pedra e na madeira. É a sua matéria prima. É ele próprio. Veja-se Torga.”

Na escrita de Torga, sentimos, com efeito, esse “peso” – o peso da madeira, da pedra, da montanha, do Marão, mesmo que seja um “peso” que acalente e alumie. Em Pascoaes, sempre esse “peso” tende a dissipar-se por um acento de maior densidade cósmica e metafísica, também de êxtase:

Ó Montanha num êxtase profundo!  
Ermos planaltos contemplando Deus!  
Serros meditativos, altos píncaros,  
Num grande voo da terra para os céus!

(in *Marânus*)

Torga tinha consciência disso – de que há uma dimensão mais ampla do que a da “dura montanha”, do que a da “urze agreste”. No seu poema “Rendição”, que o próprio integrou na sua “Poesia Completa”, escreveu:

Vem, camarada, vem  
Render-me neste sonho de beleza!  
Vem olhar doutro modo a natureza  
E cantá-la também!

Ergue o teu coração como ninguém;  
Fala doutro luar, doutra pureza;  
Tens outra humanidade, outra certeza:  
Leva a chama da vida mais além!

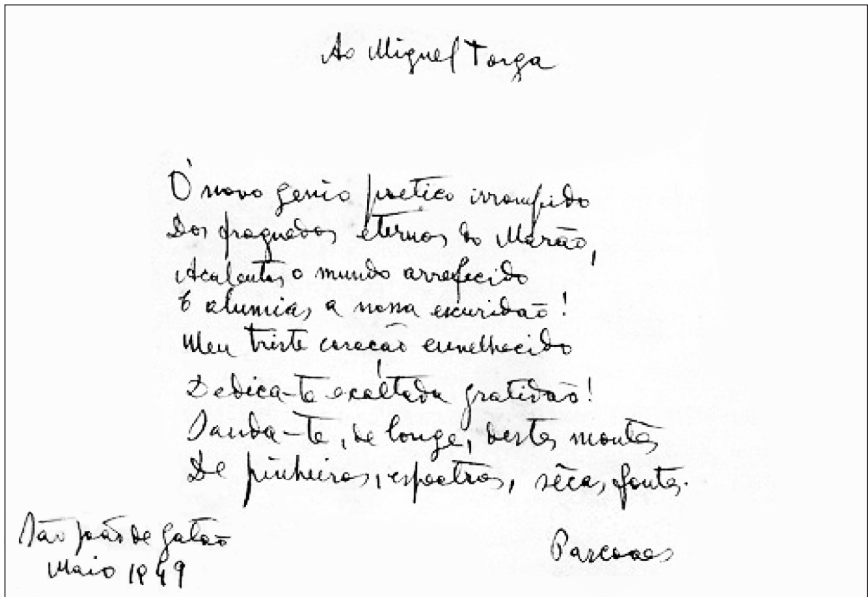
Até onde podia, caminhei.  
Vi a lama da terra que pisei  
E cobri-la de versos e de espanto.

---

<sup>2</sup> In *Actas do 1º Congresso Internacional sobre Miguel Torga*, Porto, UFP, 1994, p. 236.

Mas, se o facho é maior na tua mão,  
Vem, camarada irmão,  
Erguer sobre os meus versos o teu canto.

Se Pascoaes fosse o poeta mais novo dos dois, poderíamos imaginar, por um instante, que este poema poderia ter sido dedicado a Pascoaes. Sabemos que assim não foi, que foi Pascoaes, o poeta mais velho, a saudar Torga.



Sabemos, porém, que Pascoaes não poderia ter sido esse “camarada” a que se dirigiu Torga – e não apenas por uma questão de idade, mas porque as concepções antropológicas de um e de outro são diversas, como diversas são as relações com a natureza e a paisagem.

Se a natureza foi sagrada para os dois, para um, ela é “saudade”, numa dinâmica de desejo e regresso; para outro, ela é a “presença” mesma. Se, para Pascoaes, a Montanha é perspectivada de “baixo para cima”, num sentido ascensional, para Torga é perspectivada “de cima para baixo”, isto é, pelo deslumbre que, desde a infância, a Montanha exerceu sobre si. Lembramos estas duas fotografias – uma, a escultura de Pascoaes; a outra, uma conhecida fotografia de Torga.



Com a memória sempre viva desse deslumbramento, Torga empreendeu outras travessias, conheceu outros alfabetos, colheu outras experiências, percorreu outros “sertões” – e não apenas no Brasil, para onde emigrou ainda jovem –, o que em parte poderá explicar a sua maior sensibilidade às dimensões mais “agrestes” da vida e da existência<sup>3</sup>, por comparação com Pascoaes, sensibilidade essa que, porém, o fez religar-se ainda mais à sua Montanha de origem, ao seu “Reino Maravilhoso”. A paisagem estrutural dura e severa, mas a partir da qual Torga procurou aprender a tocar “a música da vida”, encontramos-la, de forma eloquente, neste poema (“Mirante”, Agosto de 1963):

Deixo pastar os olhos na paisagem  
Enquanto a flauta exalta o bucolismo;  
Por sobre cada abismo,  
Onde a luz mergulhou e se perdeu,  
Lanço discretamente  
Uma ponte de angústia levadiça;

---

<sup>3</sup> Ver, a este respeito, “O desespero humanista de Miguel Torga”, de Eduardo Lourenço, in *Tempo e Poesia*.



Tolho de macicez e de preguiça  
A força temerosa dos penedos;  
Teço castos enredos  
À volta de corolas sensuais;  
E na tarde sincera dos zagais  
Sinceros,  
Mudos e austeros  
Entre os matagais,  
Assim fico a mentir e a sofismar  
A música da vida, que não sei tocar...

Enquanto Pascoaes parecia contemplar de longe, nesse “longe” onde via “a grande fogueira invisível que os demónios e os anjos alimentam”<sup>4</sup>, Torga pisava o chão e as pedras, senti-as, magoava os seus pés nesse sentir, numa austera rudeza da terra. Desta experiência, desta pulsão espiritual de uma comunhão “granítica”, acontecia em Torga “a frescura do mundo”, “o subir e o descer encostas onde o corpo fica em pedaços” e onde só “a pé, de joelhos ou de rastos” (*Diário IX*, p. 965), podemos subir a nossa montanha e apreender o que excede o conhecimento dos homens: “Os homens ensinaram-me a pensar e a discernir; mas as coisas revelaram-me a beleza dos mistérios sem explicação” (*Diário IX-XVI*, pp. 1070-1071).

Podemos dizer, por fim, que em Torga há também um “Regresso ao Paraíso”, como acontece em Pascoaes, ainda que de forma, como temos defendido, mais metafísica – ou melhor, não propriamente um regresso, porque Torga nunca se apartou, verdadeiramente, do seu “Paraíso”. No caminho das pedras, na sua “via dolorosa”, está, afinal, o seu “Reino Maravilhoso”, também o seu mais verdadeiro chão poético.

Pela poesia, pela escrita, Torga nunca se perdeu – e se em algum momento se perdeu, a escrita teve sempre nele uma função redentora.

Estas paisagens estão de tal modo explicitadas dentro de mim que parecem escritas no meu entendimento. Quando cuido que estou a interpretá-las, estou a ler-me. (Torga, *Diário X*, p. 94)

---

<sup>4</sup> Pascoaes, “O Pobre Tolo”, capítulo I, colecção “Obras Completas de Teixeira de Pascoaes”, organização de Jacinto do Prado Coelho, volume IX, Livraria Bertrand, 1973.